



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Colonialismo português em questão: o discurso do rap em Angola
Autor	BRUNA BORGES DE ALMEIDA
Orientador	ANA LUCIA LIBERATO TETTAMANZY

Colonialismo português em questão: o discurso do rap em Angola

Bruna Borges de Almeida – BIC MULTI/UFRGS
Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Este estudo se insere no projeto “Letras e Vozes Anticoloniais”, que busca analisar e aproximar estéticas de sociedades ameríndias e africanas, e também de grupos afro-brasileiros e periféricos. Nesta etapa da pesquisa, o rap angolano está sendo estudado com maior enfoque, a fim de se traçar, posteriormente, uma relação mais estreita com a cultura periférica brasileira, visto que o rap se insere em uma cultura global e contemporânea, o hip hop, o que não suprime um discurso pautado em questões locais e tradicionais. Tendo em vista que o colonialismo português produziu conflitos tanto na ordem da cultura como no que tange à organização política e econômica das nações colonizadas, se utiliza a perspectiva intercultural de Catherine Walsh (2009), que busca politizar o entendimento acerca da diversidade cultural, alertando que a interculturalidade pode ser estudada de forma funcional e se constituir uma ferramenta conceitual do multiculturalismo, uma categoria conceitual que não traz à tona as contradições e conflitos dos contatos culturais. Dessa forma, Walsh propõe uma interculturalidade crítica, isto é, um conceito que parte do problema das relações de poder, e do padrão da racialização e da diferença que foram construídos em função da dominação colonial. Além da perspectiva de Walsh sobre os contatos culturais, também orienta esse estudo o que Mary Louise Pratt chama “zona de contato”. Os rappers estudados constroem um discurso politizado e questionador, se mostrando, enquanto autores e enunciadore, sujeitos de uma epistemologia (Mignolo, 2003) que reformula a identidade angolana pautando a condição de colonialidade contemporânea.